

**Identidade sexual,  
homossexualidade  
e grafitos escolares:  
possibilidades de leituras**

*Sexual identity, homosexuality  
and school graffiti:  
possibilities of readings*

**Adriano Rogério Cardoso**

*UEMS-Universidade Estadual  
do Mato Grosso do Sul, Mestre em Educação  
Paranaíba-MS- e-mail: adrianor345@hotmail.com*

**Tânia Regina Zimmermann**

*UEMS-Universidade Estadual  
do Mato Grosso do Sul,  
Profa. Dra. no Mestrado em Educação  
Paranaíba-MS- e-mail: taniazimmermann@gmail.com*

07

## Resumo

Este artigo objetiva refletir sobre as representações da homossexualidade em alguns grafitos produzidos por adolescentes em uma escola estadual no noroeste paulista, entre os anos de 2018 e 2019 sob a perspectiva de gênero. Buscamos identificar e analisar nas imagens as construções de subjetividades, estigmas, preconceitos de gênero e de sexualidade. Em relação a metodologia, trata-se de uma pesquisa descritiva-exploratória, de caráter qualitativo e com a lida das imagens utilizamos elementos de análise semiótica e da Análise Crítica do Discurso (ACD), pois permitem examinar aspectos socioculturais e linguísticos. Os resultados apontam a carência de pesquisas na formação docente sobre as temáticas, gêneros e sexualidades, há existência de preconceitos relativos a homossexualidade.

**Palavras-chave:** Identidade sexual. Homossexualidade. Grafitos. Educação.

## Abstract

This article aims to reflect on the representations of homosexuality in some graffiti produced by teenagers in a state school in northwest São Paulo, between the years 2018 and 2019 from a gender perspective. We seek to identify and analyze in the images the constructions of subjectivities, stigmas, prejudices of gender and sexuality. Regarding the methodology, it is a descriptive-exploratory research, of qualitative character and with the handling of the images we use elements of semiotic analysis and Critical Discourse Analysis (CDA), as they allow us to examine sociocultural and linguistic aspects. The results point to the lack of research in teacher education on themes, genders and sexualities, there are prejudices regarding homosexuality.

**Keywords:** Sexual identity. Homosexuality. Graffiti. Education.

## Introdução

**E**ntre as finalidades da educação aduz-se a função de educar, formar cidadãos críticos e conscientes de seus direitos, deveres, valorizar o respeito pelas diferenças, transmitir conhecimentos acumulados pela humanidade, possibilitar a formação continuada, produzir conhecimentos, seres reflexivos (as) e questionadores (as). Questionamos-nos se, os processos educacionais atuais contemplam, acolhem as variedades de identidades sexuais, como os sujeitos homossexuais, lésbicas, trans entre outros (as)?

A homossexualidade abarca tipos específicos de corporalidades muitas vezes negados por padrões discursivos machistas hegemônicos, como as identidades transexuais (masculinas e femininas). Nessas outras existências temos também pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travestis, *queer*, intersexuais, assexuais, pansexuais e outros (as) mais (LGBTQIAP+). Nas siglas LGBTQIAP+ ocorrem batalhas declaradas e clandestinas pelo direito de existirem, em corpos, com identidades sexuais distintas, dignos (as) de direitos, prerrogativas sociais respeitadas e igualitárias ao coroado padrão cis + hétero + normativo.

Há estratégias performativas que ao resistirem às normativas do patriarcado hegemônico cisheteronormativo branco e colonial, desobedecem, atravessam, transitam entre o binarismo: homem x mulher, cujas subjetividades sexuais devem estar direcionadas ao sexo oposto, sem desvios. Na análise crítica do contrato contrassexual, os corpos se reconhecem e a outros corpos como corpos falantes, renunciam a identidade sexual fechada, determinada, naturalizada e com essa renúncia são privados dos benefícios, dos efeitos sociais, econômicos e jurídicos de suas práticas significantes. Uma espécie de tecnologia de resistência, situa-se fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade (PRECIADO, 2017), a teoria *queer*.

As pessoas LGBTQIAP+ abrem trincheiras em busca pela sobrevivência, pelo direito de existirem mesmos (as) vistos (as) como seres abjetos, indesejados (as), variantes, por conservadores extremistas.

Portanto, não abordar questões de gênero e sexualidade na educação e em seus processos é não falar sobre uma parte essencial da vida. “A sexualidade faz parte da personalidade de cada um, é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida” (WHO TECHNICAL REPORTS SERIES, 1975 apud SANTOS, 2010, p.2). A sexualidade integra a constituição de subjetividades, da personalidade, afetividades, relações interpessoais e suas nuances e não as deixamos fora dos muros escolares. Expressões identitárias de gênero e sexualidade divergentes da cisheteronormatividade devem ser extintas? A resposta deveria ser negativa.

Ora, essa invisibilização também está nas temáticas gênero e sexualidade nos documentos de base curriculares nacionais, estaduais e municipais, como na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018). No entanto, aduzem os grafitos encontrados a constante presença de elementos de sexualidade e questões de gênero. Como lidar com isso?

O processo de formação docente tem demonstrado carência sobre as temáticas gêneros e sexualidade na formação dos (as) professores (as) ao longo dos tempos e na atualidade. Pensar sobre sexualidade é pensar no ser humano em relação individual, íntima com os (as) outros (as) em suas particularidades, não excluindo o ambiente familiar, social, religioso, político, educacional, normativo, civilizador em contexto local, regional, mundial e histórico. Estamos inseridos nesse universo e a escola também.

Advogamos sobre a importância em problematizar questões de gênero e sexualidade na educação, nos processos de formação de professores (as), na valorização de políticas que visem refletir sobre a desconstrução de preconceitos, na formação de cidadãos críticos e conscientes

de suas subjetividades, orientações, condições sexuais e respeito pela vida e pela diversidade.

Este artigo também é um recorte da dissertação de mestrado intitulada “*Representações da sexualidade e dos gêneros através dos grafitos em uma ambiência escolar*” realizada na UEMS-Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba-MS, defendida em agosto de 2020.

## Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva-exploratória, pois acreditamos que melhor se adequa ao tema investigado (MINAYO, 2010). Para a dissertação realizamos levantamentos de publicações sobre a temática, artigos acadêmicos, dissertações, que pudessem nos auxiliar nessa investigação.

Em relação ao embasamento teórico metodológico percebemos a relevância discursiva hegemônica cisheteronormativa e as ações discursivas controladoras que impõem aos demais, como verdades inquestionáveis prevalecendo sua superioridade coroada. Autores como Fairclough (2016), Van Dijk (2017) apresentam elementos importante sobre a Análise Crítica do Discurso (ACD) nesse processo de analisar, perceber o poder discursivo e controlador, indo ao encontro dos estudos de Foucault (1979, 2014, 2018).

As estratégias discursivas nos atravessam, perpassam nossa sociedade e instituições familiares, religiosas, políticas e escolares. Adolescentes expressam suas dúvidas, incertezas relacionadas a questões de gênero e sexualidade inclusive por meios de grafitos escolares. Grafito é um termo de origem italiana que refere-se a “*inscrição ou desenho de épocas antigas, toscamente riscado a ponta ou a carvão, em rochas, paredes, vasos, etc*” (FERREIRA, 1986, p.862). Entendemos os grafitos como textos-verbo-visuais.

O ato de grafitar perpassa o ser humano, pois deixamos marcas por onde passamos e vivemos. Alguns indivíduos em sociedade constituem famílias, filhos (as), bens materiais, escrevem e publicam livros e artigos, outros desenham, deixam grafitos em rochas, cavernas, banheiros públicos, ônibus, muros, ruas, edifícios, monumentos, troncos de árvores e por que não na escola? Talvez essa ação esteja relacionada a inconsciência ou consciência da finitude de cada um de nós. Nascermos e caminhamos em direção a morte e por isso deixamos marcas.

Enquanto conceitos basilares para entender os grafitos relativos as expressões dos desejos e afetos faremos uso da sexualidade, da subjetividade e do discurso. Segundo Santos (2010) a sexualidade “[...] é a energia que motiva a encontrar o amor, contato e intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas, e como estas tocam e são tocadas” (WHO TECHNICAL REPORTS SERIES, 1975 apud SANTOS, 2010, p.2).

Ao abordarmos questões de sexualidade e gênero em educação encontramos imbricadas práticas discursivas pré-determinadas, validadas como verdades inquestionáveis e as subjetividades afetivas e identidades sexuais muitas vezes marginalizadas e/ou negligenciadas. “A subjetividade é fruto de vários elementos sociais e assumida e vivida pelos indivíduos em suas existências particulares” (FOUCAULT, 2004, p.236). Sendo assim, “a palavra pode ser entendida como a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo num jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo” (FOUCAULT, 2004, p.236). A subjetividade “designa práticas refletidas da liberdade por meio das quais os indivíduos se constituem” (RAGO, 2009, p.260). Ou seja, por meio do discurso e práticas da liberdade se constitui a subjetividade do sujeito.

Nessa esteira, Joan Scott entende que “o discurso é um instrumento de ordenação do mundo, e mesmo não sendo anterior à organização social, ele é inseparável desta [...]” (GROSSI, HEILBORN, RIAL, 1998, p.115). O discurso é um instrumento de orientação, tudo que vivemos

é permeado pela linguagem, as palavras assim como os atos e artefatos também querem nos dizer alguma coisa como os grafitos. Então, o discurso se faz por meio da produção de significantes e significados. Aproximamos dos posicionamentos de Santaella (2012, 2018) que contribuem pelo viés semiótico peirciano<sup>1</sup> na observação analítica dos grafitos. Santaella (2012, 2018) coloca que devemos dar um tempo para que os signos nos fale, nos apresente em *high definition* seus significados, significantes e representações presentes.

Foucault (2018) observa o sexo em discurso, no século XVII. Para a sociedade burguesa dominá-lo foi “*necessário, primeiro, reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, bani-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível*” (FOUCAULT, 2018, p.19). Falar de sexo era e é algo controlado. A censura e o silêncio foram necessários, o pudor moderno não permitia que se falasse dele em qualquer local. O controle das enunciações do sexo limitou em onde, quando, quem poderia falar sobre ele, em quais situações e relações sociais se poderia falar dele, destinado mais aos pais e professores (FOUCAULT, 2018).

Em relação a sexualidade e questões de gênero, o processo fenomenológico pode nos revelar certo estranhamento, na forma como nos são e nos foram apresentados. Muitas vezes, são verdades inquestionáveis, nem sempre possibilitando um olhar outro, diferente, atravessado. A teoria *queer* butleriana propõe um diferencial, um viés “[...] não fixo, nem estável, é transitivo, múltiplo e avesso a assimilação [...]” (SALIH, 2015, p.19).

[...] A teoria *queer* surgiu, pois de uma aliança (às vezes incômoda) de teorias feministas, pós-estruturalistas e psicanalistas que fecundavam e orientavam a investigação que já vinha se fazendo sobre a categoria do sujeito. A expressão “*queer*” constituiu uma apropriação radical de um termo que tinha sido usado

---

1 Referente aos estudos dos signos, semiótica de Charles Sanders Peirce, 1839-1914 (PEIRCE, 2017)



anteriormente para ofender e insultar, e seu radicalismo reside, pelo menos em parte, na sua resistência à definição por assim dizer- fácil [...] (SALIH, 2015, p.19).

De acordo com Salih (2015), Butler preocupa-se com “[...] a formação do sujeito no interior das estruturas de poder sexuadas e ‘geneticadas’[...]” (SALIH, 2015, p.18). A teoria *queer* é uma investigação desconstrutiva das categorias do sujeito gay, sujeito lésbico, da fema, do feminino; categorias tomadas como existência dos sujeitos pelos estudos de gênero, estudos gays e lésbicos e teoria feminista. A teoria *queer* propõe o inverso, o atravessado, “[...] torna-se ainda mais importante investigar as formulações da ‘normalidade’ sexual para revelar o que, sobretudo aquelas identidades que se apresentam ostensivamente como héteros, legítimas, singulares e estáveis, têm de *queer* por debaixo de sua aparente ‘normalidade’” (SALIH, 2015, p.20), possibilitando fissuras, permitindo pensar uma categoria neutra, ou outra, que englobe todas, sem rotulá-las. Seria possível trabalhar, adequar, instalar nos processos educacionais elementos da teoria *queer*?

Sabemos que o fator social-conservador apresenta entraves e retrocessos educacionais referentes as temáticas, gêneros e sexualidade, fato que se pode observar ao ler a BNCC (BRASIL, 2018), pois, há uma repulsa e invisibilidade dos termos gêneros e sexualidade. Encontramos aqui elementos da malha do poder discursivo atuante (FAIRCLOUGH, 2016; VAN DIJK, 2017; FOUCAULT, 1979, 2014, 2018). Muitos jovens impossibilitados de discutir sobre esses temas manifestam seus desejos, incertezas, inseguranças, preconceitos, medos e angústias por meio dos grafitos escolares.

No campo educacional deparamos, também com um segmento moralista, concepção familiar cristã herdada do cristianismo ocidental católico, dos movimentos protestantes históricos (KARNAL, 2017; FOUCAULT, 2018). No campo político observamos na sociedade patriarcal,

o predomínio da masculinidade que conduz o poder sobre sua família e conseqüentemente sobre a sexualidade de seus membros (BORRILLO, FÉDIDA, FRAISSE, 2002), espera-se que não haja desvios. O patriarca tem o poder de vida e morte sobre seus (suas) dominados (as), sejam esposa, filhos (as), escravos (as) e subalternos (as) (CHAUÍ, 2001) nem sempre o patriarcado é um pai zeloso.

Por que ocupar-se em blindar corpos brancos machistas e decretar guerra política de colonização, que sequestram e visam anular outras forças de vida?

A necropolítica<sup>2</sup> investe e controla a vida social com tecnologias de morte (MBEMBE, 2018) inclusive daqueles (as) que desviam das normas cisheteronormativas. Afinal de contas, não estar em conformidade com as normas do binarismo de gênero e nos dogmas do patriarcado pode ocasionar penalidades e até morte.

As práticas subalternas dos feminismos, anti-escravistas, anti-coloniais, movimentos, homossexuais, transgêneros, etc. contribuem para a elaboração de uma nova linguagem, uma nova gramática para lutas contra as formas de questões do corpo, das formas de sexualidade e das identidades sexuais (SEGATO, 2012; PRECIADO, 2017, 2018).

Diante desse contexto despertou-nos o interesse em pesquisar e analisar os grafitos produzidos por estudantes na Escola Estadual, em Pontalinda-SP, palco da coleta. A escola oferece Ensino Fundamental, ciclo II, séries finais e Ensino Médio regular, funciona em três turnos (manhã, tarde e noite).

No processo de coleta das imagens observamos carteiras, paredes das salas de aulas, muros internos e externos, pátio, ambiência escolar em geral. O ambiente escolar, as salas de aulas e carteiras são limpas

---

2 Conceito relacionado a soberania, ao poder e a capacidade de decisão de quem pode viver e quem deve morrer (MBEMBE, 2018), incluindo indigentes, marginalizados (as), pobres, homossexuais, negros (as), indígenas, etc.

diariamente e com isso os grafitos são eliminados do ambiente. As fotos foram capitadas, antes do processo de limpeza diária, por um celular, em horários que não haviam alunos em salas de aulas e nem na escola, iniciamos em agosto de 2018 até dezembro de 2019, mantendo o anonimato dos (as) grafiteiros (as). A escolha do local deu-se pela atuação laboral do pesquisador Cardoso.

As fotos foram organizadas em arquivos de imagens para computador, por temas e aquelas que apresentam maior constância foram usadas para elaboração da dissertação de mestrado. Os arquivos com as imagens foram subdivididos em temáticas, categorizações e quantidades. Em relação as temáticas elencamos: corpo masculino (382), pênis (243), vulva/vagina (75), ânus (46), religião (45), xingamentos (125), xingamentos/homossexualidade (26) etc.

De acordo com as datas de nascimento presentes nas listas de estudantes na secretaria da escola, as idades dos (as) alunos (as) envolvidos (as) iniciam a partir dos 11 anos e há alunos (as) com 30 anos de idade. Neste ambiente há indivíduos com pouca experiência em relações afetivas, sexuais e há outros (as) com famílias constituídas, relacionamentos fixos, casados (as) ou não, alguns (mas) até com filhos (as).

A análise dos dados nos leva a inferir sobre a existência de preconceitos, silenciamento, sobre as temáticas gênero e sexualidade, por serem temas tabus, envolvem questões políticas, religiosas, pessoais e sociais. Discutir sobre essas temáticas tanto nos processos de formação de educadores quanto em sala de aula é um desafio a ser travado na atualidade.

## Resultados e Discussões

As biopolíticas da sexualidade nos condicionam a consumirmos tecnologias, produtos para homens e mulheres, a termos comportamentos específicos, moldam nossos corpos, influenciam nossas subjetividades, modulam nossas identidades sexuais, nossas formas de agir e

de sexuar. Somos seres performativos, inclusive em nossas identidades sexuais (BUTLER, 2003; PRECIADO, 2018). Somos o que damos conta de ser. A nossa liberdade é restrita e carece de resistências. Há discursos que visam nos adequar aos padrões patriarcais hegemônicos cishetero-normativos, reproduzido pelas famílias, na comunidade, nas mídias, no cinema, nas igrejas e nas escolas.

Percebemos que há interesses em dominar e controlar a sexualidade. Durante a Guerra Fria, os Estados Unidos investiram mais dólares em pesquisas científicas sobre sexo e sexualidade do que qualquer outro país ao longo da história (PRECIADO, 2018). Com que finalidade? As mudanças do capitalismo trouxeram transformações no sexo, gênero, sexualidade, identidades sexuais e no prazer. As estratégias de gestão da biopolítica foucaultianas, atreladas as dinâmicas biotecnologias para vigiar e governar a sociedade civil. A partir do final da década de 1930: a guerra era um laboratório para moldar corpo, o sexo e a sexualidade, lucro financeiro envolvido. A necropolítica de guerra se tornaram uma forte indústria biopolítica de produção e controle de subjetividades sexuais (PRECIADO, 2018).

No processo civilizador, a sexualidade e o sexo passaram a ser transferidos para os fundos da vida social, sendo vergonhoso falar sobre, mesmo no núcleo familiar. No privado, o assunto é posto atrás de paredes da consciência. Impera um medo sociogenético em se falar com crianças sobre o tema. Torna-se algo vergonhoso e embaraçoso, tanto na época de Erasmo<sup>3</sup> (educar meninos) quanto na Alemanha para Von Raumer, 1857 “*A educação das meninas*” (ELIAS, 2011, p.173). Hodier-namente insiste-se em manter esse silêncio, mesmo com acesso amplo as mídias. Os processo para educar meninos e meninas nas escolas atuais esta pautado no binarismo de gêneros (AUAD, 2012).

---

3 Colóquios de Erasmo, publicado em 1522, intitulado “Familiarum colloquiorum formulae non tantum ad linguam puerilem expoliandam, verum etiam ad vitam instituendam” (Colóquios familiares, destinados não só a aprimorar a língua dos jovens, mas também a educá-los para a vida) (ELIAS, 2011, p.164).

O desenvolvimento de identidade sexual, psicológica sofre influências das expectativas familiares, religiosas, médica e sociais, por meio do processo de diferenciação e definição dos sexos. Em relação ao papel sexual da criança, a família exige e impõe determinada postura, moral, comportamentos, ações, expectativas e etc. Os padrões masculinos e femininos são coroados pela sociedade externa conforme o indivíduo cresce (ABDO, 2014). Mas como se dá nos seres humanos a fixação das normas e regras castrativas, morais, punitivas, vergonhosas sobre a sexualidade?

Em nossa sociedade o menino deve ser macho, viril, audacioso, “comedor”. O homem geralmente demonstra seu potencial masculino antes do casamento, buscam mulheres virgens, ou não, para adquirirem matrimônio. Uma outra opção seria a relação sexual entre iguais (homossexualidade), Fig. 1, considerada por conservadores moralistas como pecaminosa, deve ser recusada, pois não visa a reprodução humana.

**FIGURA 1 – Desenho - Homossexualidade**



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

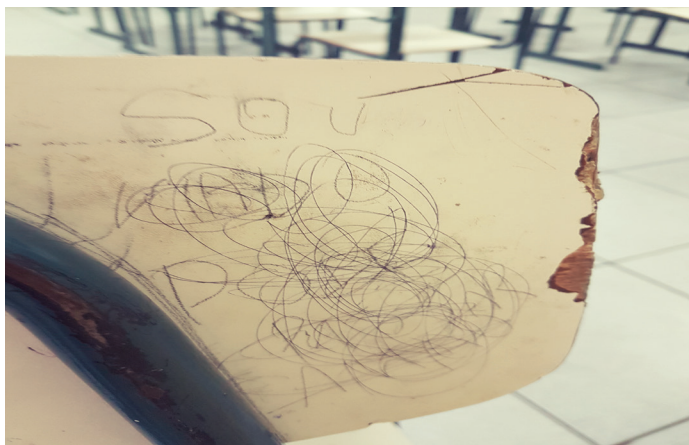
Na cultura latino-americana a homossexualidade, Fig. 1 é sancionada, aceita com ressalvas. Afinal, tudo o que foge ao padrão cisheteronormativo, hegemônico e cristão deve ser banido e marginalizado.

Entretanto, no processo de formação das masculinidades Welzer-Lang (2001) apresenta o conceito da casa dos homens. *“Nessa casa dos homens, a cada idade da vida, a cada etapa de construção do masculino, em suma está relacionada uma peça, um quarto, um café ou um estádio. Ou seja, um lugar onde a homosociabilidade pode ser vivida e experimentada em grupos de pares”* (WELZER- LANG, 2001, p.462). Impera o silenciamento, a cumplicidade, a camaradagem, a brotheragem masculina. O conceito da casa dos homens é estável, mas o espaço é dinâmico, pode ocorrer em grupos escolares, familiares, amigos, campinho de futebol, ginásio poliesportivos, bares, trabalho, no *happy hour*, academias, etc.

Na casa dos homens ocorre uma espécie de ensinamento e aprendizado, no qual os mais velhos passam suas experiências ou vivências aos mais jovens (iniciado) que por meio desse processo, os jovens se constituirão masculinos (WELZER- LANG, 2001). *“Nesses grupos, os mais velhos, aqueles que já foram iniciados por outros, mostram, corrigem e modelizam os que buscam o acesso à virilidade. Uma vez que se abandona a primeira peça, cada homem se torna ao mesmo tempo iniciado e iniciador”* (WELZER- LANG, 2001, p.462). Preparado a (re) produzir tudo aquilo que já experienciou, muitas vezes por meio da dor física, enrijecimento da musculatura, pressões psicológicas, a melhor defesa é o ataque e a homosociabilidade se faz presente. A homossexualidade é ali camuflada e renegada.

Nessa viagem pela vida surgem campos como a religião, política, moral que pudica a sexualidade e questões de gênero. A homossexualidade tende a ser negada Fig. 2.

FIGURA 2 – Escrita - sou viado



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Negar, mentir, esconder, desaparecer podem ser um dos primeiros aprendizados dos (as) jovens não heterossexuais na escola. Instituições religiosas, políticas, familiares, tecnologias médicas, farmacológicas, midiáticas (cinema e fotografia), pornografia encontram-se na linha de frente e a escola tem sido um campo poderoso a ser conquistado.

Os (as) adolescentes manifestam seus desejos, anseios, dúvidas, experiências e práticas por meio dos grafitos, deixando suas marcas no ambiente escolar Fig. 1 e 2. As práticas das sexualidades, sentimentos, afetividades, raramente declaradas, porém latentes são manifestadas por alguma válvula de escape. A confecção dos grafitos é uma delas. Talvez seja uma das poucas maneiras de se deixar transparecer. Muitas vezes, os grafitos passam despercebidos no cotidiano escolar.

A adolescência é uma fase de (re) descoberta da sexualidade e tem seu aflorar. No campo da psicanálise Sigmund Freud (1856–1939) considera o desenvolvimento do desejo sexual infantil como *poliforma*, ou seja, forma indeterminada. A sexualidade da criança começará a se diferenciar na adolescência.

Em relação a homossexualidade, na obra “Três ensaios sobre a sexualidade” de 1905 (FREUD, 1996), ela é causada pela inibição do desenvolvimento psicosssexual, que fixa no caso masculino no Complexo de Édipo<sup>4</sup> e no caso feminino no Complexo de Electra<sup>5</sup>.

No século XX, a teoria mais influente na Psiquiatria defendeu que a homossexualidade é uma tendência universal inevitável do ser humano, em decorrência de uma predisposição bissexual. Freud acreditava que todos humanos atravessam uma fase homoerótica, no processo evolutivo em direção a heteronormatividade. Em alguns casos havia uma fixação na etapa homossexual e mesmo aqueles (as) que evoluíssem naturalmente para a heterossexualidade perdurariam vestígios da homossexualidade de forma sublimadas, manifestos como exemplos, os interesses masculinos em culinária, atitudes passivas em homens ou interesses atléticos e agressividades em mulheres (ABDO, 2014). O exposto indicia a possibilidade de uma sexualidade fluida, não engessada, em proximidade com a teoria *queer*.

Nada há de errado em ser homossexual. Freud relata em carta a uma mãe americana, com data de 9 de abril de 1935 que

A homossexualidade não constitui por certo nenhuma vantagem, mas não é nada de que se deva ter vergonha, não é nenhum vício nem degradação, não podendo ser classificada como doença; consideramo-la uma variação das funções sexuais produzida por certa parada no desenvolvimento sexual (FREUD, 1951, p.789).

---

4 É uma fase do desenvolvimento psicosssexual da criança do sexo masculino, que se caracteriza quando esta começa a sentir uma forte atração pela figura materna e se rivaliza com a figura paterna.

5 É uma fase do desenvolvimento psicosssexual das crianças do sexo feminino, de acordo com a psicanálise. Consiste na etapa em que a filha passa a se sentir atraída pelo próprio pai, disputando com a mãe a atenção deste homem.



*“[...] A conduta homossexual, inclusive com contato físico, entre púberes ou adolescentes, por um período transitório, é mais comum do que se imaginava: passam por essa experiência 30% dos indivíduos, dois terços dos quais se tornam heterossexuais na vida adulta” (ABDO, 2014, p. 299). Kinsey estima que “[...] 4% a 5% da população masculina adulta é homossexual, durante toda a vida; outros 13% são predominantemente homossexuais, pelo menos por três anos, entre 16 e os 55 anos; [...]” em suas vidas (ABDO, 2014, p.300).*

O relacionamento sexual entre pessoas do mesmo sexo há mais de três décadas não é considerado doença pela Associação Psiquiátrica Americana (ABDO, 2014). Entendemos que as diferenças de identidade sexual devem ser respeitadas na sociedade e na ambiência escolar.

Porém, a homossexualidade é aceita com muitas restrições em países machistas latino-americanos. Considerada crime *“em países socialmente conservadores, como no mundo árabe e na África”* (ABDO, 2014, p.299). No Brasil há crimes crescentes de transfobia e LGBTfobia cometidos contra homossexuais mesmo durante a pandemia.

No Brasil, de acordo com dados do Disque 100 em 2016 foram registrados 1.876 casos de violência contra LGBTI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros e Intersexuais) em 2017 foram registrados 1.720 casos. Em relação ao homicídio contra LGBTI+ houve um aumento de 127% de 2011 a 2017, saindo de um total de 5 casos em 2011 chegando a 193 casos em 2017 (IPEA, FBSP, 2019, p.58). O que não se quer, se mata.

### FIGURA 3 – Escrita e Desenhos - Homossexualidade



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

A Figura 3, supostamente um (a) personagem masculina e jovem, cujo boné encontra-se a palavra “KARAI” referindo-se a “caralho = pênis”, seguida por um pênis próximo a sua boca. Não competem somente, aos meios educacionais sanar ou dar conta das mazelas de gênero e sexualidade, mas podem contribuir para amenizar a violência contra homossexuais, mulheres e minorias, se houvessem inclusões nos processos de formação de professores (as), e em todas as demais áreas acadêmicas, com práticas que valorizem o respeito e a dignidade humana, incluindo questões de gênero e sexualidade, procurando discutir sobre os padrões heteronormativo e repensando a masculinidade tóxica. As práticas políticas, jurídicas, religiosas e sociais arraigadas devem ser re(pensadas) e combatidas.

A construção nominativa da heterossexualidade, bissexualidade e homossexualidade, existe e podem coabitarem mas não deveriam sobrepor-se, julgando-se superiores umas às outras. Afinal, o que põe a cisheteronormatividade como identidade primária na nossa sociedade? Quebras se fazem necessárias, sobretudo, nas práticas discursivas abusivas relativas ao gênero, sexo e sexualidade. O discurso patriarcal cisheteronormativo hegemônico conduz, normatiza a sexualidade humana, o gênero e nos coloniza. Discursos centralizam o falo (LACAN, 1978) desde cedo na vida do menino e da menina, valorizando a masculinidade, por um viés tóxico e colocando a feminilidade como algo fragilizado, submisso, passivo que deve ser evitado pelo masculino.

Nas escolas, o gênero se faz presente e ensinamos os meninos a serem meninos e as meninas a serem meninas, os (as) vigiamos continuamente (AUAD, 2012). A neutralidade, o transitório, o *queer* não existe. E não deveria existir? Não seria uma possibilidade? A sociedade e a educação estariam preparadas para isso? (PRECIADO, 2017).

Nos estudos *queer* torna-se possível pensarmos na educação, na sociedade o impensável, o não binário, sem classificações, o *queer* (PRECIADO, 2017). Há meios de mudar ou extinguir a classificação de identidade sexual? Nossas carteiras identitárias, certidões de nascimento, passaportes e documentos sem as marcas de gêneros? Por que gera temores? A invisibilidade da temática questões de gênero e de sexualidade em documentos educacionais nacionais basilares indicam relevância. A quem cabe esse biopoder do controle da sexualidade? Não temos todas as respostas, busquemos por elas juntos (as).

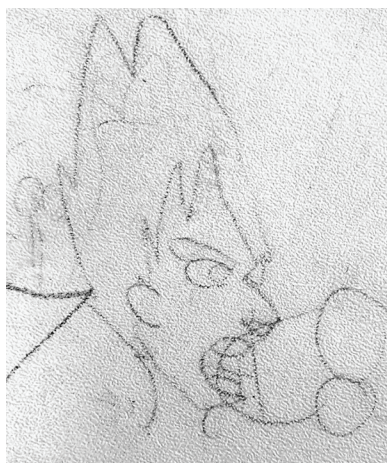
As preocupações de bem estar comunitário, social deveriam ser de relevância maior, no entanto, surgem discursos de ódio, supremacia de gêneros, raça, preferencias sexuais. Negam o direito a identidades sexuais aos seres desviantes e impedem que pessoas sejam como são. Como quebrar essas estruturas? Os feminismos darão conta de modificar isso?

Há professores (as) que se mobilizam, saem das zonas de conforto e criam espaços heterotópicos para trabalhar com a temática tabus, sexualidade e gênero (PARAÍSO, 2018). Lançam um olhar outro sobre o fazer prático, no cotidiano escolar. Mesmo com medo são movidos (as) pelas paixões do ensino/aprendizagem, prevalecem a resistência e a coragem. Problematizam e se abrem para lidar com as coisas do mundo que lhes tocam, trabalham para o acolhimento da diferença identitária em prol dos outros e de si (PARAÍSO, 2018).

Pais, familiares, professores (as), terapeutas, precisam de respostas para questões práticas que o (a) adolescente coloca. Deparamos com desafios e questionamentos dos (as) jovens que nem sempre sabemos solucionar. Os (as) professores (as) não são detentores de todos os saberes. O ambiente escolar, nem sempre está preparado para lidar com esses (as) adolescentes, cheios de questionamentos, anseios e transgressores (as) de regras.

Os grafitos em banheiros públicos são produções comuns (BARBOSA, 1984), mas novidades em ambiência escolar, principalmente os grafitos de conotação sexual Fig. 4.

#### FIGURA 4 – Desenho - Homossexualidade



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

O estranhamento maior está no local em que os grafitos são encontrados, ou seja, fora dos reservados latrinalis e margeando a imoralidade.

No entanto, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) reconhecem que o ambiente escolar é lugar de manifestações sexuais:

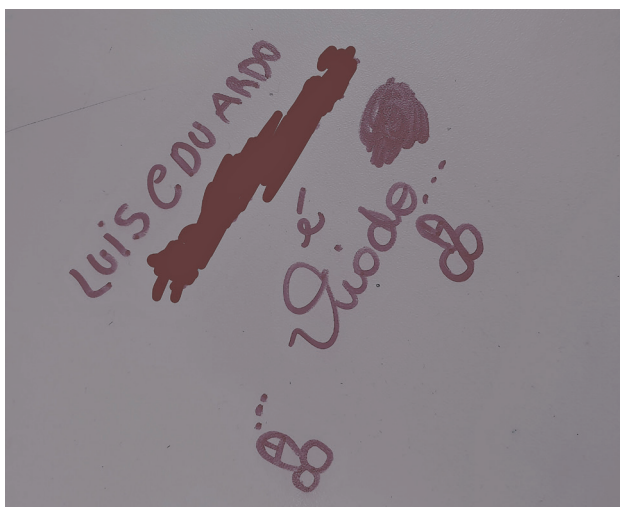
Não é apenas em portas de banheiros, muros e paredes que se inscreve a sexualidade no espaço escolar; ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela (BRASIL, 2001, p.113).

Os (as) alunos (as) deixam marcas por onde passam. As carteiras, cadeiras, vitrôs, muros, paredes são uma tábua pronta a receber os grafitos. Moralmente seria melhor se os grafitos tivessem atrás de portas dos reservados latrinalis e escondidos. Assim como ocorreu com a sexualidade, durante o século XIX, que foi confinada ao quarto dos pais somente para fins de procriação (FOUCAULT, 2018).

Com o advento da BNCC (BRASIL, 2018) percebemos um retrocesso em relação as temáticas gênero e sexualidade. Esses termos foram invisibilizados de seus textos, carecem debates educativos e inclusão sobre questões de gênero e sexualidade nos planos educacionais nacionais, estaduais e municipais (PARAÍSO, 2018). Trabalhar temáticas sobre questões de gênero, sexualidade, ou masculinidade tóxica em sala de aula na atualidade são desafios a serem enfrentados, dentre inúmeros outros percalços.

Autores como Van Dijk (2017) nos alertam sobre o discurso e poder. De acordo com Fairclough (2016) o discurso é uma estrutura de ação social de classes e não individual, recebe influências dos fatores sociais e podem contribuir para reproduzir ou transformar, agir sobre o mundo e sobre os outros.

## FIGURA 5 – Escrita e Desenhos - Homossexualidade



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Na Fig. 5 temos um nome masculino sendo apontado como homossexual, de forma ofensiva e preconceituosa (viado) acompanhada por 2 pênis eretos. A homossexualidade é um pecado a ser confessado, denunciado? E o (a) pecador (a)? A identidade sexual, a subjetividade devem ser anuladas? Devemos refletir sobre essas questões com nossos (as) alunos (as) e com a comunidade. Há pessoas sofrendo e morrendo por conta da LGBTfobia, Transfobia, questões de gêneros e pela sexualidade.

Os grafitos demonstram que as representações sociais observadas nessa escola referem-se a valorização do masculino e do seu universo. São representações sociais relacionadas ao que o senso comum dita como norma social permitindo ao masculino: o consumo de bebidas, cigarros, homens devem ser ativos sexualmente, “xingar”, brigar, colocam suas vidas e saúde em riscos, apresentam traços de agressividade na maioria das vezes.

FIGURA 6 - Desenho - Pênis



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Os aparatos científicos tecnobiopolíticos (PRECIADO, 2018) colocam o homem heterossexual branco como um produtor de esperma coroado, o purificador do corpo nacional, hegemônico. As sexualidades desviantes como a homossexualidade e a masturbação não são reprodutivas, não devem ser normalizadas.

É importante aquilo que Freud (1996) e Foucault (2018) citam em suas obras quando escrevem sobre a sexualidade e seu desenvolvimento na história humana. Fator este que analisados com as ligações das relações sociais em torno da sexualidade, apresentam destaque com o advento da religião cristã, que proibiu qualquer expressão acerca da sexualidade. Há os que conscientemente e inconscientemente escondem a sua sexualidade debaixo das aparências da ortodoxia, da fidelidade, rigorismo, moralismo nos cargos educacionais, políticos e eclesiásticos. Muitos para disfarçar a sua situação cultivam formas de piedade e espiritualismo moral.

## Conclusão

Os apontamentos nos levam a crer que estamos em uma sistemática discursiva cisheteronormativa. Ao nascer todos os corpos devem se encaixar ao binarismo: masculino ou feminino. Os corpos apresentam nuances, peculiaridades dos atributos dos gêneros e obrigatoriamente pressupõe-se que se expressem desejos por alguém do sexo oposto ao seu. Esse modelo nos obriga via discursos institucionais e alhures a termos corpos, comportamentos, sentimentos, afetividades, enfim subjetividades pré-determinadas.

Nós percebemos que os grafitos de ordem sexual encontrados na ambiência escolar são vistos e tidos como em locais impróprios talvez o que seja inadequado é o processo de formação da maioria dos (as) professores (as) que não contemplam as temáticas gênero e sexualidade em seu processo formativo. Por conta disso muitos (as) não se sentem aptos (as) a abordarem tais temática em sala de aula, ou ainda por princípios pessoais, ideológicos, religiosos e políticos. As políticas curriculares educacionais invisibilizam dos seus documentos oficiais questões de gênero e de sexualidade, como fez a BNCC.

Os grafitos podem ser vistos como uma expressão de arte ou uma violência ao moralismo politicamente correto dentro de uma sociedade conservadora. Impedem que temas relacionados a sexualidade deixem de ser abordados no ambiente escolar, em alguns casos há uma presença fundamentalista ligada a religião. No meio social da criança e do adolescente quando não se falam deste assunto, muitas vezes eles aprendem de formas não convencionais e expressam tais reações nos desenhos, frases e demonstração de sentimentos presente no ato de grafitar, sejam no ato de punição ou de júbilo relacional.

O ato de grafitar de maneira específica relacionada a sexualidade dentro do âmbito escolar não só demonstra uma fragilidade dos órgãos responsáveis a abordar o tema de maneira sadia, com mecanismos de



discussão social, indicia o despreparo de tais intermediários que possam falar deste tema de maneira que despertem o interesse em dialogar com esse problema que chamamos de sexualidade, os altos escalões ainda preferem negar e até proibir a reflexão pública sobre essa realidade.

Eis que na urdidura da pesquisa percebemos que ainda não temos muitas respostas. Mas inventar alguns sentidos e significados nos leva a não procrastinar o inevitável e inefável. Esperançosos (as), afinal todos (as) as (os) grandes pensadores (as) esperaram, que as ideias neste trabalho possam ser refletidas, debatidas e sirvam para que pessoas conquistem sua identidade sexual, tenham direito por suas performatividades de gênero em serem socialmente como são interiormente. Queremos sim, que todos (as) esses (as) jovens grafiteiros (as) e os (as) demais dancem, amem, sexuem, beijem e sejam felizes.

## Referências

ABDO, Carmita. “Homossexualidade”. In: ABDO, Carmita. **Sexualidade Humana e seus Transtornos**. São Paulo: Leitura Médica, 2014.p. 297-321.

AUAD, Daniela. **Educar Meninas e Meninos relações de gênero na escola**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

BARBOSA, Gustavo. **Grafitos de banheiro**. A literatura proibida. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

BORRILLO, Danilo, FÉDIDA, Pierre, FRAISSE, Geneviève et al. **A Sexualidade tem Futuro?** Trad. Nicolás Nyimu Campanário. Edições Loyola. São Paulo, Brasil, 2002. p. 39-54.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino. **Base Nacional Comum Curricular**. [Online] Brasília: MEC. 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 7 jul. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural: orientação sexual**. Brasília: MEC, 2001.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil, Mito Fundador e Sociedade Autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001, p. 9-10.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador, volume 1: uma história dos costumes**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2ª ed. **Revista e aumentada**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. “**A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade**”. In: MOTTA, M. B. Coleção Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p.265-287.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FREUD, Sigmund. (1905) - **Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Letter to an American mother**. 107, American Journal of Psychiatry. 1951. p.786-789.

GROSSI, Miriam Pilar; HEILBORN, Maria Luiza; RIAL, Carmen. “**Entrevista com Joan Wallach Scott**”. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, CFH/CCE/UFSC, v. 6, n. 1, p.1-12, 1998.

IPEA, FBSP. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; **Fórum Brasileiro de Segurança Pública (org.)**. Atlas da violência 2019. [Online] Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019, 116 p. Disponível em: [http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Atlas-da-Violencia-2019\\_05jun\\_vers%C3%A3o-coletiva.pdf](http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Atlas-da-Violencia-2019_05jun_vers%C3%A3o-coletiva.pdf) Acesso em: 11 ago. 2019.

KARNAL, Leandro. **Pecar e Perdoar: Deus e Homem na história**. 2ª ed. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2017.

LACAN, Jacques. “**A significação do falo**”. In: LACAN, Jacques. *Escrits* (Jacques Lacan Escritos). São Paulo: Editora Perspectiva. 1978. p.261-273.

MINAYO, Maria Cecília S. (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MBEMBE, Archille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

PARAISO, Marlucy Alves. “**Gênero, sexualidade e heterotopia: entre esgotamentos e possibilidades nos currículos**”. In.: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; SEFFNER, Fernando; VILAÇA, Teresa.(Organização). *Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa(ções) nos espaços de educação*. [Online] - Rio Grande: Ed. da FURG, 2018. p.7-27. Disponível em: [https://7seminario.furg.br/images/livro\\_do\\_seminario.pdf](https://7seminario.furg.br/images/livro_do_seminario.pdf) Acesso em: 22 jun. 2020.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual, práticas subservivas de identidade sexual**. São Paulo: N-1 Edições. 2017.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie, sexo, drogas e biopolíticas na era farmacopornográfica**. São Paulo: N-1 Edições. 2018.

RAGO, Margareth. “**Dizer sim a existência**”. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. *Por uma vida não fascista*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 253- 268.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. 1 ed. 2. reimpr. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2015.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. (Coleção Primeiros Passo; 103). São Paulo: Brasiliense, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Cenage Learning, 2018.

SANTOS, Ana Cristina Conceição. “Formação de professoras(es) em gênero e sexualidades: novos saberes, novos olhares”. In: *Fazendo Gênero 9- Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. 2010, Santa Catarina, Anais eletrônico. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

SEGATO, Rita Laura. “**Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial**”, [Online] e-cadernos CES , n.18, 2012, p. 105-131. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/1533>; acesso em 21 abr 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/eces.1533>

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e Poder**. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia**. [Online] *Revista Estudos Feministas*, vol. 9, núm. 2, segundo semestre, 2001, pp. 460-482 Universidade Federal de Santa Catarina Santa Catarina, Brasil. Disponível em: <http://www.re-dalyc.org/articulo.oa?id=38109208>. Acesso em: 15 fev. 2019.